

VENTO SUL

RUBEM BRAGA

DEU um vento louco nessas ruas molhadas, derubando coisas, sacudindo as árvores em desespero, erguendo montes de folhas, esbofeteando e cegando os transeuntes. Todo mundo andava depressa, procurando se esconder do temporal. Mas os dois meninos enjoaram de olhar pela vidraca e saíram para o Arpoador. Voltaram uma hora depois ofegantes, falando da espumarada das ondas, da raiva do vento nas pedras, das corridas que deram.

Uma pessoa grande disse que os meninos precisavam estudar, que não deviam ter saído num tempo desses, que estavam todos molhados, que podiam se resfriar.

A pessoa grande tinha razão. Mas os meninos estavam contentes em suas roupas que declararam salgadas de rajadas de espuma do mar. Era fácil compreender que esta manhã eles estiveram estudando: pedras, mar, vento. Estavam excitados com o passeio e foram para o chuveiro correndo e gritando como dois animais jovens — que são.

Na Avenida Copacabana passou a moça de amarelo com um saco de feira vermelho na mão. Andava depressa contra o vento, quase a correr, os cabelos soltos, as narinas finas ao vento. Seu vestido, colado ao corpo na frente, palpitava atrás. E era bela assim, muito bela, assim vestida não de sedas nem de rendas, assim vestida de vento.

Volto para casa e um amigo me telefona. Vai embarcar agora mesmo, e como deve ir à minha

terra me telefona. A viagem que estou há anos hesitando em fazer. Então parece que é esse vento que me manda. Tenho apenas alguns minutos, visto-me depressa e o táxi me aflige avançando penosamente pelas ruas de dentro, com as praias ocupadas pela mão única. Uma hora depois, pela janela do avião, vemos o rio largo, e os canais sem fim, e a fumaça saindo horizontal, batida pelo vento sul, das chaminés de usina espalhadas pelo vale imenso dos Goitacazes. Descemos e seguimos em um "jeep", como se esse vento sul achasse urgente nosso avanço, avançamos sem cessar na tarde fria, pausamos um pouco no meio do mato, na noite triste, para ouvir os grilos e sapos, uns pios de aves noturnas: Então desembocamos de súbito, ao descer de um morro, na praia da infância.

E tudo sucede como se o passado e o presente se misturassem com violência e sem lógica, abraço o meu compadre, o velho pescador Joaquim Capixaba, vou rever a casa que tem a maringa na cumieira, enfrento a fúria do vento junto do mar zangado para ir ao pouso das canoas, e antigos vultos emergem da penumbra como assombrações. E a igreja da Barra, e as palmeiras da Vila e agora outro caminho da mais remota infância: é pelo Amarelo que avançamos; e minutos depois compreendo que é domingo, todos os rapazes e moças estão na praça Jerônimo Monteiro, vão ao cinema, irão depois aos Caçadores, os homens conversam na porta dos cafés, os Caçadores não precisam mais passar espermacete no salão para a gente dançar, mas Hélio Ramos continua soprando seu eterno instrumento. E tenho três sobrinhas louras, e uma não, tenho um pé de fruta-pão, um cajueiro no morro, mistério no velho porão, murmúrio de rio e vento, minhas ilhas, minhas pontes, meus irmãos...

E minha mãe, que não me conhece mais.

137. 10.49

263